



Fragmento 7

Fazer falar a angústia, é tudo o que temos feito desde nossa origem. A angústia, “entre enigma e certeza”, é, quanto à ela, muda, um “funil temporal”, uma “petrificação”, um “silêncio aterrador”, como disse Lacan. Vista hoje, deste início do século XXI, a angústia se impõe como o afeto crescente do Antropoceno. É isso que diz o grande clamor contemporâneo com vozes tão diversas. Porém antes, com Heidegger por exemplo, ela era vista como a experiência metafísica dos falantes por excelência, se o “diante de quê¹” da angústia era de fato “ser-no-mundo lançado²”. Facticidade da existência. Esta já foi uma mudança na ancoragem da angústia, que pode ser lida em nossa história, digamos, a partir de Lutero, para marcar algumas balizas. Uma passagem que vai das angústias do penitente da Idade Média ou, mais originalmente, do sacrifício de Abraão, até o homem sem Deus do nosso tempo. Blaise Pascal, perante o “céu estrelado”, emitiu o grito deste abalo: “O silêncio desses espaços eternos me apavora”, sem que saibamos se se trata ainda do pavor perante um deus que se cala ou perante um deus que desapareceu. Sem dúvida por isso a aposta foi, no fundo, tão necessária. Um século depois, Kierkegaard, com sua fórmula da “angústia como condição do pecado”, fazia da própria possibilidade, o primeiro “diante de quê” da angústia, e já realizava, assim, a facticidade da existência.

Tudo isso para nos lembrar que, apesar do seu valor ontológico bem estabelecido, o que fazemos a angústia dizer é função da história. E assim se coloca nossa questão sobre a variação propriamente psicanalítica quanto à amarração da angústia.

1 “A angústia tem uma inconfundível relação com a *expectativa*: é angústia *diante de* algo” [Freud, S. (1926/2014). Inibição, sintoma e angústia. In *Obras completas* (v. 17, p. 114, grifo do autor). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras].

2 Heidegger, M. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia Sá C. Schuback. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005. § 41, p. 255.

Quando Heidegger evoca o “diante de quê” da angústia como “ser-no-mundo lançado³” e que Freud⁴ fala de *Hilflosigkeit*, a derrelição do ser sem recurso, as ressonâncias parecem semelhantes. A única diferença, no entanto, é que Freud, que não era em nada metafísico, acrescenta com insistência o “diante de quê” de um perigo bem atual, originário, a primeira ferida, o traumatismo, como ele lhe chama, a fonte inesgotável das angústias perpetuadas da neurose e, mais amplamente, de todos os falantes.

Que sucesso para esta teoria da ancoragem da angústia no traumatismo! Ainda existem, segundo a vox populi atual, sofrimentos psíquicos que não estariam ligados a um traumatismo – como uma exoneração de tudo, sem dúvida.

Lacan não parece dizer que não, “o que temos que surpreender”, através das surpresas da associação livre, “é algo cuja incidência foi marcada como trauma⁵”. Terreno aparentemente conhecido na psicanálise, mas Lacan evoca, logo em seguida, a menos conhecida “imbecilidade⁶” que esta incidência traumática implica – caso postulamos que ela provém da realidade das situações. Isso obrigar-nos-á a interrogar novamente, a causa... que não é imbecil.

Colette Soler, janeiro de 2024.

Tradução : Miriam Ximenes Pinho-Fuse
Revisão : Sandra Berta

3 “... a angústia se angustia com o ser-no-mundo lançado” (Heidegger, M, *op. cit.*, § 41, p. 255).

4 Freud, S. (1926/2014), *op. cit.* p. 115.

5 Lacan, J. (1967) Da psicanálise em suas relações com a realidade. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 352.

6 Ibid. « estupidez”, p. 352.